

Relações familiares e o convívio social entre idosos

Family relationship and social interaction among elderly

SILVIA VIRGINIA COUTINHO AREOSA *

LISIANNE BRITTES BENITEZ **

FRANCISCA MARIA ASSMANN WICHMANN ***



RESUMO – Esta pesquisa surgiu da necessidade em conhecer a percepção dos idosos sobre seus relacionamentos sociais, familiares e com os grupos de convivência dos quais participam no Brasil e na Espanha. A metodologia utilizada é quali-quantitativa. Os resultados parciais mostram a satisfação dos idosos (97%) com as relações estabelecidas nos grupos de amigos, formados principalmente a partir de grupos de convivência para a terceira idade, e apontam para uma população idosa com características ligadas à independência e autonomia, mais ativa e satisfeita com suas relações familiares e de amizade. Percebe-se uma preocupação especial com a qualidade de vida por parte do idoso, sendo a convivência e as atividades realizadas nos grupos fatores importantes para uma melhora significativa na saúde física e mental.

Palavras-chave – Idoso. Relações familiares. Relações sociais.

ABSTRACT – This research arose from a need to know the perception of the elderly about their social relationships, family and the support groups, they participate in Brazil and Spain. The methodology used is quali-quantitative. Partial results show the satisfaction of the elderly (97%) with the relations established in the group of friends, consisting mainly of groups of living for the elderly and point to an elderly population with characteristics related to independence and autonomy, more active seniors and satisfied with their family relationships and friendships. It also indicated a particular concern with the quality of life by the elderly, and the living and the activities carried out in groups are an important factor that provides a significant improvement in physical and mental health.

Keywords – Elderly. Family relations. Social relations.

* Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, doutora em Serviço Social, bolsista PDJ/CNPQ PUCRS. Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul – RS, Brasil. *E-mail:* sareosa@unisc.br

** Doutora em Microbiologia Agrícola e do Ambiente. Pesquisadora e docente da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul – RS, Brasil. *E-mail:* lisianne@unisc.br

*** Doutora em Desenvolvimento Regional, especialista em saúde. Docente da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul – RS, Brasil. *E-mail:* francis@unisc.br

Participaram na elaboração deste estudo as bolsistas Cláudia Maria Corrêa Cardoso (PIBIC/CNPq) e Daielle Marion (PUIC/UNISC). *Submetido em: janeiro/2012. Aprovado em: maio/2012.*

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento inicia aos 60 anos em países em desenvolvimento e aos 65 em países desenvolvidos. Esta diferença de cinco anos é marca das limitações no nível de desenvolvimento, que sofre forte influência de fatores econômicos, culturais e sociais. No Brasil, em decorrência das descobertas e das novas tecnologias, especialmente na área da saúde, o envelhecimento da população é um fato recente. Os grupos sociais estão ajustados a uma ordem, em que os mais velhos possuem perspectivas de longos anos de vida, mas pouco lhes é oferecido, pois a sociedade não está acostumada com esses novos atores, que forçam mudanças de toda ordem (afetivas, econômicas, na saúde e no lazer) nas relações humanas.

A gerontologia converteu-se em grande campo multidisciplinar e multiprofissional dedicado ao estudo da velhice, a última fase do curso vital. As pessoas idosas são classificadas em função de suas características num determinado contexto histórico e social, não podendo se generalizar os achados de um país diretamente para o outro. Com frequência cada vez maior as pessoas se interessam por esse fenômeno, seja para elucidar os fatores que levam ao envelhecimento propriamente dito, seja por fatores sociais, políticos e de mercado. O idoso passou a ser um grande segmento de mercado e a indústria cultural investiu em pacotes turísticos promocionais, cursos de recreação para idosos, entre outros, estimulados, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa (CHAUÍ, 1996).

As forças dos fatores sociais, culturais, econômicos e ambientais podem qualificar ou prejudicar o processo de envelhecimento. A essência de todo e qualquer indivíduo consiste no fato dele ser portador de um conjunto de sistemas: desejos, intensificações, valores, capacidades e necessidades básicas, como a dependência e o reconhecimento pelos outros com os quais convive (ZIMERMAN; OSÓRIO, 2000).

Os idosos tendem a conviver entre membros da sua própria geração, seja para desenvolver atividades de lazer, como clubes da terceira idade, ou para exercer ações de caráter mais político, como as associações de aposentados (SANTOS; BELO, 2000). As demais pessoas com quem o idoso se relaciona, além de seus familiares, serviriam como fonte de informação ao desenvolvimento, à manutenção do autoconceito e à regularização das suas emoções (ERBOLATO, 2006).

O apoio social é um fator importante para a pessoa com mais idade poder manter-se com autonomia e ter um envelhecimento satisfatório, sem tantos efeitos negativos. Pinazo (2006) aponta que as pessoas de idade que participam de redes sociais de forma ativa e que recebem apoio social informal são as que possuem melhor saúde física e mental. Considera que a família é a principal fonte de apoio informal.

Com base neste contexto, surgiu a necessidade de conhecer os idosos com quem a universidade vem trabalhando e compará-los com outros sujeitos para verificar os efeitos socioculturais sobre a qualidade de vida. Para tanto, estão sendo desenvolvidas ações de pesquisa em parceria com a Universidade de Barcelona, Espanha. Através de entrevistas com idosos dos dois países busca-se criar um banco de dados a fim de subsidiar ensino, pesquisa e extensão nas questões voltadas ao envelhecimento. Assim, o que se pretende investigar é como estão as relações familiares dos idosos e a sua convivência social em grupos/centros nas duas realidades, para verificar a interferência do contexto socioeconômico e cultural.

Metodologia

A pesquisa é do tipo levantamento (comparativo-descritiva), tendo sido avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética da UNISC (CAAE nº 0023.0.109.000-09), e utiliza-se de metodologia quanti-qualitativa. Buscou-se neste levantamento parcial de dados descrever a percepção dos idosos (ambos os sexos) sobre seus relacionamentos familiares, sociais e nos grupos que participam, a visão da velhice retratada nas notícias da imprensa e da televisão e como ela é percebida pela sociedade em geral.

A população em estudo foi composta por idosos maiores de 60 anos que frequentam serviços ligados a UNISC, grupos de convivência para terceira idade em que a UNISC tem inserção, e grupos de idosos atendidos pela Universidade de Barcelona.

Ao longo dos anos de 2009 e 2010 foi feita a coleta de dados por alunos, professores e funcionários colaboradores das duas universidades, treinados pelo grupo de pesquisa, com o intuito de atingir 500 sujeitos em cada país. O instrumento de coleta de dados, utilizado e validado pela Universidade de Barcelona, está publicado em uma coleção de textos (MONTAÑÉS; SALA; REVERTE, 2007). A amostra analisada neste artigo conta com dados obtidos a partir das entrevistas feitas com 207 idosos brasileiros. As entrevistas foram previamente agendadas com os supervisores dos grupos de convivência, gravadas e transcritas com autorização dos sujeitos que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

As análises parciais foram realizadas ao longo do ano de 2010. Em 2011, as questões abertas foram analisadas com o auxílio do *software* NVivo 8 e as questões fechadas e possíveis correlações entre os dados foram tabuladas no *software* IBM SPSS v. 18.0 (*Statistical Package for Social Science*).

Dentro de uma proposta transcultural e multidimensional, o grupo de pesquisa, formado por pesquisadores brasileiros e espanhóis, trabalhará em conjunto analisando e discutindo os resultados encontrados, fazendo cruzamentos e análises entre as áreas do conhecimento e entre as duas realidades pesquisadas. Esta pesquisa recebe apoio financeiro da UNISC, do CNPq (edital Universal e PIBIC) e da FAPERGS (ARD e BIC).

Resultados e discussão

A amostra caracteriza-se por ter 80% de mulheres e 20% de homens, com idades que variam entre 60 e 89 anos. Os sujeitos são moradores da região do Vale do Rio Pardo e do Taquari, em municípios com forte influência da colonização alemã. Com relação ao estado civil, a maioria é casada (51%) e o número de viúvos(as) é de 38%. Um dado a destacar é o aumento do número de separados e divorciados (7%).

De acordo com diversos estudos realizados com idosos (DEBERT, 1999; IBGE, 2007), a mulher tem uma expectativa de vida maior que o homem em até oito anos. Essas gerações, que hoje estão com 60 anos ou mais, nasceram até finais da década de 40. Naquele momento, as mulheres tinham pouca participação nas atividades fora do lar, então se supõe que isso fez com que ficassem mais preservadas de doenças que afetaram o sexo masculino do ponto de vista da mortalidade. Como hoje as responsabilidades são compartilhadas, acredita-se que essa defasagem com relação à expectativa de vida entre os sexos seja menor no futuro (HEREDIA, 2000).

Do ponto de vista demográfico, o envelhecimento populacional é o resultado da manutenção, por um período longo de tempo, de taxas de crescimento da população idosa superiores às da população mais jovem (NERI, 2006). Para Camarano e Pasinato (2007), além do envelhecimento da população como um todo, está aumentando a proporção da população mais idosa, com 80 anos ou mais, alterando a composição etária dentro do próprio grupo, ou seja, a população idosa também está envelhecendo.

Nas relações sociais estabelecidas pelos idosos, 97% dos entrevistados responderam estar satisfeitos com os grupos de convivência nos quais participam. Em relação às atividades que desenvolvem nos grupos, 60% dos idosos classificam como “muito boas” e 39% como “boas”. Quanto às situações de conflitos existentes nos grupos, 4% relataram ter pouca ou média participação nestes momentos, o que evidencia o bom relacionamento entre os indivíduos (Figura 1).

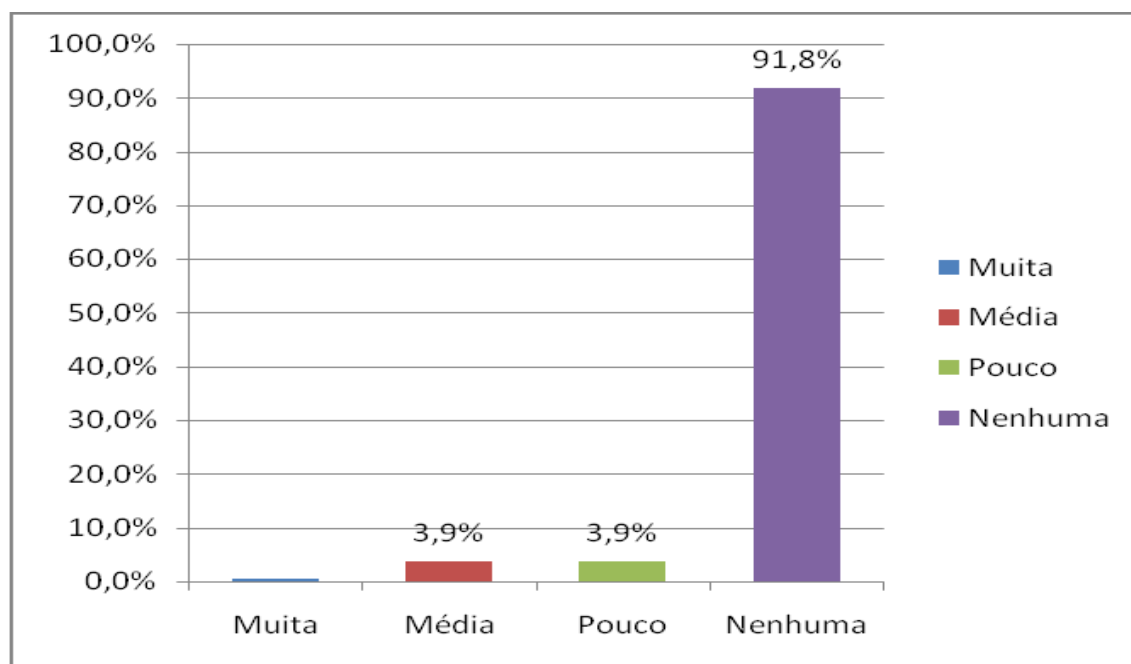


Figura 1: Com que frequência participa dos conflitos no grupo.

Fonte: Coleta de dados 2009-2010.

Para 57% dos entrevistados, as relações pessoais estabelecidas com os companheiros do grupo são “boas” e para 43% “muito boas”. Os números demonstram a satisfação destes idosos com os vínculos que são criados a partir das atividades direcionadas à terceira idade. A inserção do idoso na sociedade pode ocorrer através dos grupos de convivência, que possibilitam ao indivíduo o desenvolvimento de diversas atividades propiciadoras de melhora na qualidade de vida e no reconhecimento como cidadão. Os grupos de convivência são espaços importantes para promover mudanças comportamentais, tanto no idoso quanto na comunidade, no preconceito que ainda permeia esta relação. Os grupos buscam fortalecer o papel social do idoso (RIZOLLI; SURDI, 2010).

Na aposentadoria, os idosos tendem a diminuir suas relações sociais e a não exercer a participação. O convívio social, os relacionamentos interpessoais e as trocas de experiência, antes possibilitadas pelo trabalho, agora muitas vezes são substituídas pelo isolamento e pela ociosidade, levando a fase da velhice a ser marcada por sentimentos de inutilidade produtiva e de dificuldade para o estabelecimento de novas relações sociais. “Para enfrentar essas mudanças, por um lado, é necessário que os idosos recriem novas alternativas de participação, lazer e ocupação do tempo livre, mas por outro, é imprescindível que a sociedade garanta o desenvolvimento integral e permanente do homem também nessa etapa da vida” (BULLA; KUNZLER, 2005, p. 82)

Leite, Cappelari e Sonogo (2002), em estudo com idosos que frequentavam grupos de convivência na cidade de Ijuí-RS, concluíram que dentre as razões que levam os indivíduos a participar destes grupos estão a interação pessoal e o compartilhamento de afeto, alegria, amor, tristezas e conhecimentos. Os entrevistados mencionaram que ao participar dos grupos sentiram mudanças em sua saúde física e mental e que o apoio da família é um reforço importante para que continuem participando dos grupos.

Na pesquisa “Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade”, de Rizolli e Surdi (2010), os autores concluíram que os grupos de convivência para a terceira idade representam muito para os idosos, porque oferecem ocupação do tempo livre e diversas propostas de lazer, além de permitir a construção de laços de identificação, nos quais é possível partilhar os significados da velhice. Neste estudo, parte dos entrevistados relatou ter procurado os grupos com o objetivo de melhorar a saúde e outra parte porque buscava conhecer novas pessoas. As mudanças favoráveis permitiram melhorias na qualidade de vida da maioria dos idosos.

Ao relacionar-se com diferentes grupos o idoso desenvolve um sentimento de estar sempre ativo e ter seus direitos respeitados, conseguindo, desta forma, manter uma convivência harmônica. A manutenção de relacionamentos interpessoais torna o idoso um ser saudável, ao contrário de pessoas sós que possuem dificuldade de relacionar-se e manter vínculos afetivos. Participar de reuniões semanais em grupos de terceira idade contribui para a realização pessoal dos idosos, permitindo que se sintam membros importantes na continuidade do grupo, além de resgatar a capacidade de ser útil e a dignidade de viver (VICINI, 2002; GALISTEU et al., 2006).

Bulla e Kunzler (2005) mencionam a importância das universidades para a terceira idade, pois proporcionam ao idoso o contato com outras gerações, tendo momentos de lazer e de autorrealização. Os autores afirmam que as pessoas que frequentam estas atividades demonstram como é possível alcançar um envelhecimento saudável com autonomia, entusiasmo e disposição, mostrando que a velhice não precisa estar associada ao isolamento e à falta de vontade de viver.

Quanto às relações sociais estabelecidas fora do grupo de convivência, os entrevistados responderam que são “boas” (53%) ou “muito boas” (45%); com relação à frequência com que se relacionam, 48% dos idosos dizem ser semanal, como se pode observar nas figuras 2a e 2b.

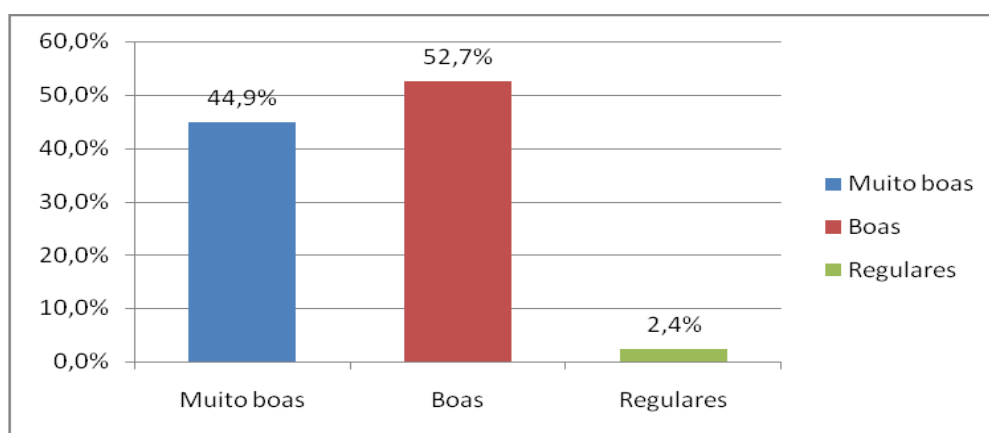


Figura 2a: Frequência que se relaciona com os amigos.
Fonte: Coleta de dados 2009-2010.

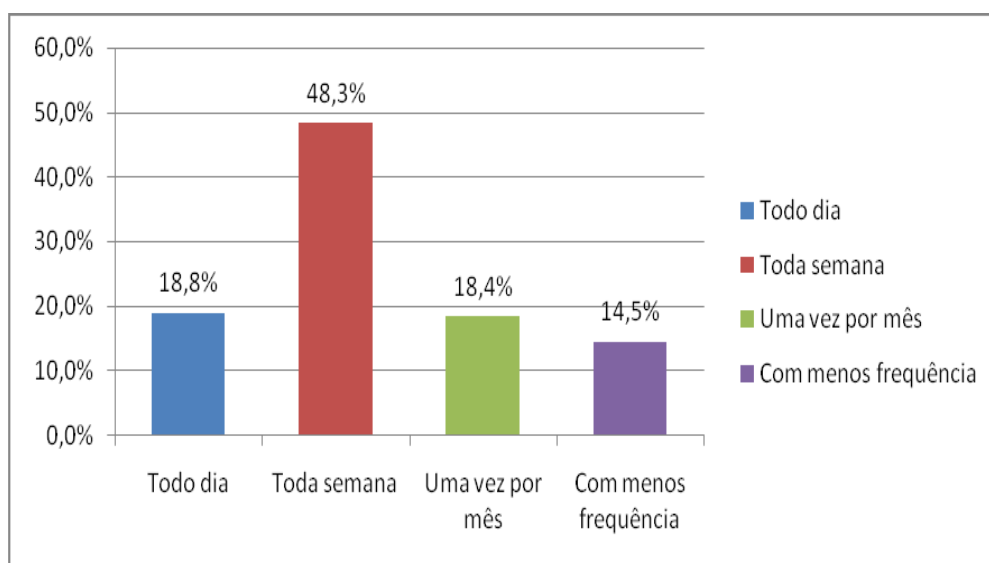


Figura 2b: Como são as relações com os amigos.
Fonte: Coleta de dados 2009-2010.

Para Ortiz (2005), as amizades dos homens idosos são as que eles adquiriram no trabalho ou nas atividades de lazer, enquanto que as das mulheres estão mais associadas à vizinhança e às etapas de criação dos filhos, amizades que não são afetadas pelo envelhecimento ou pela aposentadoria. Segundo a autora, as amizades estabelecidas pelas mulheres são muito mais íntimas, apesar de serem mais escassas.

A família e os amigos são considerados relações primárias, que se caracterizam por serem relações emocionais, íntimas e duradouras (HIPP, 2006).

As relações familiares, assim como as de amizade e as construídas em clubes ou associações, são muito importantes para os sentimentos de enfrentamento das situações do dia a dia e do sentimento de solidão que pode surgir na velhice. Todos os participantes afirmam que a família é muito importante, sendo que 85% disseram que as relações familiares interferem no seu estado de ânimo/humor. Além disso, 46% dos idosos relatam que a satisfação em relação à família aumentou ao longo dos anos, 42% dizem que a satisfação permaneceu igual, 4% referem que diminuiu e 8% afirmam que “agora é diferente”.

A família é a principal fonte de cuidados para o idoso, mas por causa da modernização as relações familiares estão mudando. Normalmente as pessoas idosas não recebem os cuidados adequados que esperam da família, principalmente porque os familiares têm de trabalhar e cuidar de suas próprias necessidades (NERI, 1993).

No contexto do ambiente familiar, avaliou-se o grau de satisfação dos idosos que estão casados ou que possuem companheiro(a): 49% relataram ter um relacionamento “muito bom” com o companheiro(a), 43% “bom”, 6% “regular” e apenas 2% classificaram como “ruim” o relacionamento conjugal.

Hernandis (2005) refere-se à família como fonte de apoio e ajuda de maior importância, sobretudo para aqueles idosos com alguma dependência. A família, os amigos e vizinhos são elementos importantes no cuidado das pessoas idosas. O cônjuge é o elemento preferido pelo idoso ou pela idosa. Quando o cônjuge está ausente, aí sim, buscam ajuda nas filhas ou filhos, ou em outros familiares ou ainda em amigos.

Com respeito à necessidade de melhorar o “clima” e as relações com a família, 58% disseram não ser preciso melhorar “nada”, 35% acreditam é preciso melhorar “pouco”, 3% e 4% referem que é preciso melhorar “muito” e “bastante”, respectivamente.

Observou-se neste estudo que o grau de satisfação com a família aumentou ao longo dos anos, já que 46% dos idosos referiram estar satisfeitos, especialmente nos vínculos estabelecidos entre pais, filhos e netos. As relações com os filhos foram consideradas, por 68% da amostra, como “muito boas”, 29% classificaram como “boas” e apenas 3% referiram ser “regulares”.

Com os netos a satisfação ainda é maior, pois 79% alegam ter relações “muito boas”, 19% “boas” e apenas 2% “regulares”. Para Zimerman (2000), quando envelhecemos vemos a família se modificando, em especial a posição de cada membro dentro dela. Para a pessoa idosa, a família passa a ser os filhos, netos, bisnetos e outros parentes de idade inferior à dele, e muitas vezes a relação de dependência se torna diferente.

O papel do avô mudou com o prolongamento da vida. As famílias tendem a conviver entre várias gerações, o que gera um sentimento maior de reciprocidade. Salienta-se que entre os idosos autônomos e independentes estão os avôs de hoje, que auxiliam filhos e netos; com isso, já se começa a discutir o fenômeno da intergeracionalidade (TRIADÓ; OLIVARES, 2005).

À medida que a população envelhece tem a oportunidade de conhecer seus netos e bisnetos, caracterizando uma sociedade formada por quatro gerações. Assim, percebe-se que a convivência entre diferentes gerações e as interações pessoais aumentam significativamente na atualidade (GUERRA; CALDAS, 2010).

Ter bom convívio social, particularmente com amigos e vizinhos, relacionar-se bem com a família e com os cônjuges, ser capaz de estabelecer contatos com as pessoas e fazer novas amizades, de acordo com os idosos, significa ter boa qualidade de vida (GARCIA et al., 2005, p. 511).

Segundo Motta (1998), as pesquisas mostram a evolução e as diferentes características do novo perfil do idoso, que se apresenta cada vez mais ativo, dinâmico e interativo diante dos grupos de convivência e de seus familiares. Entre as mudanças que estão ocorrendo há um crescimento na longevidade, o que está levando as relações familiares a serem mais duradouras.

Apesar da análise ainda ser parcial, os resultados obtidos até este momento apontam para nova realidade no contexto social e familiar dos idosos. Antes, quando as mulheres enviuvavam, ficavam sozinhas até o final dos seus dias, apenas os homens voltavam a casar; agora este comportamento começa a mudar.

Em pesquisa com idosos de Porto Alegre-RS, Paskulin e Vianna (2007) referem que a proporção de idosas sem companheiro foi elevada, possivelmente devido a questões culturais, uma vez que novos casamentos são mais comuns entre os homens e também pelo fato de as mulheres terem uma vida mais longa. Porém, Camarano, Kanso e Mello (2004) alertam para a mudança nestes padrões, porque, se comparado com censos anteriores, a proporção de idosos casados aumentou, especialmente entre as mulheres.

Este estudo também teve por objetivo analisar como os idosos percebem a visão da velhice retratada nas notícias da imprensa e da televisão e pela sociedade em geral. O crescente aumento no número de indivíduos nesta faixa etária gera a construção de uma imagem do idoso pela mídia, que pode trazer implicações na socialização e até no processo de envelhecimento de cada indivíduo. Os resultados mostraram, com relação à mídia, uma visão positiva em 46,7% dos participantes, destacando-se a opinião de que os meios de comunicação estão divulgando mais a temática do idoso. Afirmam que agora já existem programas específicos e maior participação de idosos, especialmente na programação televisiva, mostrando atividades físicas e de lazer para a terceira idade e notícias positivas sobre o envelhecimento. A televisão é um dos meios de comunicação mais acessíveis à população, uma vez que veicula informações de forma rápida, dando ao telespectador a sensação de estar em contato direto e permanente com a realidade.

Conforme Bezerra (2006), com relação à representação da velhice, particularmente por parte da mídia, a tendência atual é a inversão como um processo de perdas e a atribuição de novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos de novas conquistas em busca do prazer.

A visão negativa da mídia apareceu em 32,8% das respostas, destacando-se as notícias sobre maus-tratos, baixos valores das aposentadorias e a abordagem superficial de temas relativos aos idosos. Os entrevistados referem que ainda há muito a ser melhorado, principalmente na televisão, não havendo ainda uma programação específica para sua faixa etária.

De acordo com Sievert e Taíse (2007), a mídia, em geral, deveria dar maior ênfase à temática do idoso, porque é uma faixa da população que vem crescendo expressivamente, não considerando apenas o aumento no número de idosos, mas no sentido de que esta geração se diferencia das anteriores por tratar-se de pessoas mais exigentes, com maior poder de decisão, com tempo disponível, vontade de viver e realizar novos projetos de vida. Portanto, quando a sociedade e a mídia entenderem a importância que tem essa nova geração de idosos, haverá mudanças na compreensão das exigências e necessidades dos idosos na contemporaneidade, priorizando a não existência de estereótipos carregados de preconceitos.

Se a mídia, tanto nos programas de entretenimento como no jornalismo e na publicidade, adotasse um tratamento mais justo, valorizando a imagem do idoso e não as suas limitações físicas, com certeza a sociedade seria mais inclusiva com esta parcela da população (CAMPOS, 2008).

Com relação à abordagem das questões sobre como o envelhecimento é percebido pela sociedade em geral, os entrevistados apontam para uma maior valorização do idoso. Com o crescimento do número de idosos no país, observa-se um aumento significativo na quantidade e na variedade de iniciativas voltadas à terceira idade, divulgadas pela mídia. A velhice deixou de ser uma questão abordada apenas na esfera privada e da família e passou a ser de domínio público.

Devido ao aumento na expectativa de vida a sociedade tem mostrado preocupação crescente com este público. Portanto, há um maior interesse em estudos que dizem respeito ao bem-estar físico, psicológico e social dos idosos (NERI, 2008).

Em um estudo sobre a percepção do idoso a respeito das dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento, Guerra e Caldas (2010) observaram a necessidade da realização de mais trabalhos que priorizem a opinião do idoso e que quantifiquem dados sobre o benefício da participação social no processo de envelhecimento e na percepção da velhice como forma de valorizar estes sujeitos e incentivar sua participação social, favorecendo a manutenção de grupos de convivência e a melhoria das relações intergeracionais, uma vez que o idoso ativo é tido como motivo de orgulho e exemplo para a comunidade.

Considerações finais

O estudo aponta, até o momento, uma prevalência feminina nas atividades desenvolvidas pela UNISC e mostra que os idosos, além da satisfação com o núcleo familiar, apresentam grande satisfação com as relações estabelecidas no grupo de amigos, formado principalmente a partir dos grupos de convivência para a terceira idade. O idoso pesquisado está mais participativo, principalmente a mulher, mantendo e ampliando sua rede de relações. Observam-se mudanças nas relações familiares, sociais e no estado civil dos idosos. Com isso, passa a ser mais crítico e a exigir da sociedade novos espaços, na mídia e na imprensa. Nesta fase, a questão da manutenção de uma vida ativa socialmente é fundamental para o envelhecimento ativo, satisfatório e com qualidade de vida, que é a meta de todos nós.

Referências

- BEZERRA, Ada Kesea G. *A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Campina Grande, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 19 jan. 2011.
- BULLA, Leonia Capaverde; KUNZLER, Rosilaine. Envelhecimento e gênero: distintas formas de lazer no cotidiano. In: DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto José Corrêa (Org.). *Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos*. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria T. *Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina*. Texto para discussão (IPEA), v. 1, p. 1-32, 2007.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMPOS, Pedro C. A visibilidade do idoso nos meios de comunicação. Estudo de caso: jornais El País e ABC – 2007. *Kairós*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 105-142, 2008.
- DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ERBOLATO, Regina Maria Prado Leite. Relações sociais na velhice. In: FREITAS, Elizabeth Viana et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- GALISTEU, Kátia J. et al. Qualidade de vida de idosos de um grupo de convivência com a mensuração da escala de Flanagan. *Arquivo de Ciências da Saúde*, v. 14, n. 4, p. 209-214, 2006.
- GARCÍA, Esther López et al. Social network and health related quality of life in older adults: a population-based study in Spain. *Quality of Life Research*, v. 14, n. 2, p. 511-520, 2005.

- GUERRA, Ana Carolina Lima Cavaletti; CALDAS, Célia Pereira. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.
- HEREDIA, V. B. M.; CASARA, M. B. *Tempos vividos: identidade, memória e cultura do idoso*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- HERNANDIS, Sacramento Pinazo. El apoyo social y las relaciones sociales de las personas mayores. In: HERNANDIS, Sacramento Pinazo; MARTINEZ, Mariano Sánchez (Org.). *Gerontología: actualización, innovación y propuestas*. Madrid: Pearson Educación, 2005. p. 221-256.
- HIPP, Roswitha. Orígenes del matrimonio y de la familia modernos. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, Valdivia, Universidade Austral do Chile, n. 11, p. 59-78, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estimativas da População 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233 & id_pagina=1>. Acesso em: 08 out. 2008.
- LEITE, Tambara Marines; TOLFO, Viviane; SONEGO, Cappellari Joseila. Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/RS. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [on-line], v. 4, n. 1, p. 18-25, 2002. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br>>.
- MONTAÑÉS, María Concepción Menendez; SALA, José Lluís Conde; REVERTE, María Angeles Ortega. *Contextos y cambios evolutivos em La adolescência, madurez y senectud: necesidades e intervenciones educativas*. Barcelona: Edicions de La Universitat de Barcelona, 2007. (Textos docents 334. Publicacions I).
- MOTTA, Alda Britto da. Reinventando fases: a família do idoso. *Caderno CRH*. Salvador, n. 29, jul./dez. 1998. p. 13-21. Dossiê: Gênero e Família. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs00/gt05/00gt0533.doc>>. Acesso em: 18 jan. 2011.
- NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papyrus, 1993.
- ____ (Org.). Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Elizabete V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- ____ (Org.). *Palavras-chave em gerontologia*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.
- ORTIZ, Lourdes Pérez. Envejecimiento y género. In: HERNANDIS, Sacramento Pinazo; MARTINEZ, Mariano Sánchez (Org.). *Gerontología: actualización, innovación y propuestas*. Madrid: Pearson Educación, 2005.
- PASKULIN, Lisiane; VIANNA, Lucila. Perfil sócio-demográfico e condições de saúde de idosos de Porto Alegre. *Revista de Saúde Pública*, v. 41, n. 5, p. 757-768, 2007.
- PINAZO, Sacramento. Relaciones sociales. In: TRIADÓ, Carme; VILLAR, Feliciano (Coord.). *Psicología de la vejez*. Madrid: Alianza, 2006. p. 253-282.
- RIZOLLI, Darlan; SURDI, Aguinaldo C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010.
- SANTOS, Maria de Fátima; BELO, Isolda. Diferentes modelos de velhice. *Revista PSICO*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 31-48, 2000.
- SIEVERT, Marilde; TAÍSE, Jaína Vieira. *Nova geração de idosos, um consumidor a ser conquistado e com urgência*. Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) SC, 2007. Disponível em: <http://www.projedoradix.com.br/arq_artigo/X_17.pdf>.
- TRIADÓ, Carmen; MARTÍNEZ, Gerard; VILLAR, Feliciano. *Psicología del desenvolvament: adolescència, maduresa i senectut*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 2000.
- TRIADÓ, Carmen T.; OLIVARES, María José Osuna. Las relaciones abuelos-nietos. In: HERNANDIS, Sacramento Pinazo; MARTINEZ, Mariano Sánchez (Org.). *Gerontología: actualización, innovación y propuestas*. Madrid: Pearson Educación, 2005. p. 259-288.
- VICINI, Giulio. *Abrço afetuoso em corpo sofrido: saúde integral para idosos*. São Paulo: Senac, 2002.
- ZIMERMANN, David Epelbaum; OSÓRIO, Luiz Carlos. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- ZIMERMANN, Guite I. *Velhice: aspectos biopsicosociais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.